

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA

MATEUS ALVES MOTTA

SOBRE OS KORETU
Etnografia, Fonologia e Morfologia

Brasília
2023

MATEUS ALVES MOTTA

SOBRE OS KORETU
Etnografia, Fonologia e Morfologia

Trabalho de conclusão de curso de graduação
da Universidade de Brasília.

Orientador: Dr. Thiago Costa Chacon

Brasília
2023

Lista de abreviações

1.PSS	possessivo de primeira pessoa
2.PSS	possessivo de segunda pessoa
3.PSS	possessivo de terceira pessoa
C	consoante
CL	classificador
CL.CLD	classificador para coisas cilíndricas ou redondas
CL.CRP	classificador para partes do corpo
CL.CRV	classificador para coisas curvas
CL.GNR	classificador genérico
CL.LGR	classificador para lugares
FEM	feminino
MSC	masculino
V	vogal

1 Introdução

Os Koretu foram um povo que falava uma língua da família Tukano e desapareceu dos registros em meados do século XX. Eles viviam na região dos rios Miriti-Paraná, Apaporis e Japurá. Não é claro ainda se sua língua pertence ao grupo Tukano Oriental ou Tukano Ocidental, visto que a análise comparativa da fonologia aponta para um agrupamento com o ramo Tukano Ocidental e a análise comparativa do léxico aponta para um agrupamento com o ramo Tukano Oriental, em especial próximo ao ramo da língua Tanimuka¹.

As informações etnográficas sobre os Koretu bem como os dados coletados sobre sua língua estão dispersas em várias fontes distintas. As fontes conhecidas das informações etnográficas são do final do século XVIII (Ferreira, 1788), meio do século XIX (Wallace, 1853; Martius, 1867a) e do início do século XX (Koch-Grünberg, 1921; Whiffen, 1915). Os dados linguísticos que se têm da língua foram coletados por Koch-Grünberg (1914), Tastevin (1920; s.d.), Martius (1867b) e Wallace (1853). Os dados coletados por Wallace (1853) divergem dos dados coletados pelas outras fontes, tanto no que concerne à linguística quanto à etnografia. Essas divergências serão discutidas mais à frente.

Este trabalho busca fazer uma descrição etnográfica dos Koretu, observando como as fontes se complementam e se contradizem. Além disso, este trabalho também pretende analisar os dados disponíveis sobre a língua Koretu para fazer uma descrição básica fonológica e morfológica.

2 Etnografia

As informações coletadas por Wallace (1853) sobre os Koretu, como foi comentado antes, divergem das informações vindas das outras fontes usadas neste trabalho. Aqui serão discutidos os pontos de concordância e de divergência dos Dados de Wallace (1853) com os das outras fontes. Primeiramente, certas descrições feitas por Wallace são semelhantes às feitas por Martius (1867a). Ambos descrevem as casas onde os Koretu viviam da mesma forma, sendo redondas e com um telhado cônico, conforme ainda é o caso das casas tradicionais na região do Apaporis, Miri e Caquetá. Também, as duas fontes mencionam que os Koretu não tinham pajés, não

¹ Chacon (2014) classifica as línguas da família Tukano, usando como critério as mudanças fonéticas compartilhadas, enquanto Ramirez (2019) classifica as línguas, usando como critério o léxico compartilhado entre elas.

acreditavam em um deus supremo, não consumiam bebidas intoxicantes e não usavam sal². Whiffen (1915), porém, comenta que os Koretu faziam uso de *caapi* e de caxiri, duas bebidas intoxicantes. A lista de palavras de Tastevin (s.d.) indica que os Koretu tinham as palavras para as duas bebidas, *caapi* e *kafiri* respectivamente. Como essas fontes são de períodos diferentes, é possível que os Koretu tenham adotado esses costumes posteriormente.

Wallace (1853), porém, comenta que nenhum não indígena teve contato com eles³. Isso contradiz as outras fontes, visto que todas concordam que os Koretu participavam no comércio de escravos com os brancos. Outro erro está quando ele menciona que o Koretu são um povo que nunca fazia guerras. Whiffen (1915) também percebeu que essa informação não se alinhava com seus dados⁴. Como a língua coletada por Wallace não foi Koretu, mas Yupua⁵, e Martius comenta que os dois grupos se juntaram⁶, é provável que Wallace não tenha entrado em contato com nenhum Koretu, visto que, de acordo com o próprio Wallace, seus dados vieram de dois indígenas que ele conheceu no rio negro que diziam ser Koretu⁷ e de pessoas que disseram conhecer os Koretu⁸. Ele nunca chegou a visitar uma aldeia onde os Koretu habitavam.

Como informado anteriormente, os Koretu são um povo falante de uma língua da família Tukano. Assim, podem-se fazer inferências sobre alguns de seus costumes com base nos conhecimentos gerais que se têm sobre esses povos e outros da mesma região. Os povos falantes de línguas da família Tukano podem ser divididos linguística e culturalmente em dois grupos,

² Wallace (1853) e Martius (1867a) mencionam que os Koretu não tinham acesso ao sal. Whiffen (1915) confirma isso, dizendo que os povos da região, em geral, raramente tinham acesso ao sal. A forma com que tinham de obtê-lo era por meio de um processo de extração de sal de alguns tipos de plantas. Assim, o sal marinho era extremamente raro e, caso fosse adquirido por alguém, teria que vir de fora daquela região. Como no passado os Koretu vendiam escravos para os não indígenas, é possível que eles tenham tido uma relação comercial mais profunda com os não indígenas. Assim, mesmo que não fosse um hábito deles, o sal marinho poderia ter chegado em algum momento aos Koretu por meio do intermédio dos brancos com quem negociavam. Para saber se houve esse contato, na ausência de outras evidências, seria necessário saber qual é a palavra para sal que eles tinham, visto que existe uma palavra nativa nas línguas Tukano — a qual se refere ao sal extraído de plantas — e, também, uma palavra vinda de empréstimo da língua geral — a qual se refere ao outro tipo de sal. Observando os dados de Huber e Reed (1902), pode-se notar que a palavra nativa para sal, na maioria das Tukano, ilustrada aqui em Desano, é /bō'ã/ e, a palavra de empréstimo, ilustrada aqui em Tanimuka, é /ju'kira/#. Tanimuka é uma língua Tukano, assim como Desano. O termo /ju'kira/ vem do termo em língua geral *Iukyra*, o qual foi consultado em Stradelli (1929). Porém, até o momento, em nenhuma fonte foi encontrada a palavra para sal em Koretu.

³ Wallace (1853) página 509.

⁴ Nas palavras do autor, *Wallace credits the Kuretu with peaceable habits, but for the most part all these peoples live in a constant state of internecine strife* (Whiffen, 1915), pg. 61.

⁵ Ver seção 3.

⁶ Martius (1867a) página 480.

⁷ Esses indígenas foram quem forneceram os dados da língua também, indicando que eles eram possivelmente Yupua.

⁸ Wallace (1853) descreve o processo da coleta dos dados na página 509.

Tukano Ocidental e Tukano Oriental. Chacon (2013) descreve que essa separação ocorreu há alguns poucos milhares de anos atrás. Antes disso, os proto-Tukano viviam especialmente de caça e da coleta. Eles também cultivavam o alimento, mas dependiam menos da agricultura e da pesca do que da caça. Os povos Tukano ocidentais mantiveram um estilo de vida mais próximo dos proto-Tukano e se mantiveram com relativamente menos contato com outros grupos linguísticos. Chacon (2013) também comenta que os povos tukano orientais, porém, tiveram um contato intenso com os Aruak e se descolaram para lugares mais próximos de grandes rios. Dessa forma, eles desenvolveram uma cosmologia diferente com ênfase em elementos ligados aos rios, com costumes mais patriarcais e menos guerras entre si, assim como os Aruak. Eles também passaram a depender mais dos rios e da agricultura para se alimentarem.

Os Koretu viviam mais distantes dos grupos Tukano ocidentais e mais próximos de grupos Tukano orientais, como os Yupua, os Tanimuka e os Yahuna. Da mesma forma que os grupos Tukano orientais, tinham contato com grupos Aruak. Esse contato é marcado por uma relação complexa. Martius (1867a) comenta que seus inimigos mortais eram os “Jucunas” (Yukuna), os quais são um grupo Aruak. Contudo, Martius (1867a) também menciona que a maioria dos Koretu que viviam na cidade de São João do Príncipe eram casados com mulheres da tribo Uainumá, os quais também são um grupo Aruak.

A relação com outros grupos falantes de línguas da família Tukano era, em geral, positiva. Martius (1867a) comenta que os Makuna eram vizinhos amigáveis dos Koretu. Whiffen (1915) confirma que ainda no século XIX as amizades eram formadas por grupos falantes de línguas da mesma família. De acordo com Martius (1867a), um grupo de Koretu e os Yupua se juntaram e passaram a viver juntos. Ele analisa essa situação, comentando que os Koretu foram colocados em uma situação de conflito com outros grupos da região e passaram a se aliar com grupos vizinhos. Pode-se dizer que as interações com os não indígenas criaram pressões nesses grupos, causando um declínio violento de suas populações. Vários que sobreviviam iam viver nas cidades. Assim, os que ficaram nas aldeias, tiveram que se juntar com outros grupos étnicos para poderem se manter.

Eles também interagiam com os Miranha, porém, essa interação foi caracterizada por uma perseguição mútua com o objetivo de capturarem membros do outro grupo para vendê-los como escravos aos brancos. No final do século XVIII, Ferreira (1788) indica que essa era a situação entre os Koretu e os Miranha. No meio do século XIX, Martius (1867a) confirma que os Koretu

costumavam vender indígenas de outros grupos para os brancos, mas que essa prática não ocorria mais. Embora Whiffen (1915) não detalhe diretamente quais grupos eram inimigos dos Koretu, ele nota que os grupos da região estavam em um estado constante de conflito e que qualquer tragédia era usada como justificativa para iniciar uma guerra com um grupo inimigo. Ele também menciona que os grupos no norte do Japurá não gostavam dos grupos do sul do Japurá e que os Miranha viviam ao norte e que os Koretu viviam tanto ao norte quanto ao sul. Em relação à venda de escravos, Whiffen (1915) descreve que os povos escravizavam membros de outros grupos para ficarem em suas aldeias. O comércio de escravos com os não indígenas não ocorria mais como era no século XVIII já no século XIX.

3 Análise da Língua

Os dados da língua usados na análise foram coletados por Koch-Grünberg (1914) e por Tastevin (1920), totalizando 826 palavras. Martius (1867b) e Wallace (1853) também coletaram dados, mas eles não foram usados na identificação dos fonemas. Uma das listas de palavras de Tastevin (s.d.), contendo 143 palavras, também não foi usada diretamente para encontrar pares mínimos e análogos, visto que ela contém muitas palavras que já ocorrem nas duas outras listas. Essas palavras repetidas foram importantes para identificar variações nas transcrições presentes nos dados usados na análise. Até o momento, não foi possível converter a notação usada por Martius para IPA (alfabeto fonético internacional) de modo que os dados pudessem ser usados consistentemente na análise, visto que eles contêm vários dígrafos que não puderam ser convertidos para um único símbolo.

Martius (1867a) comenta que seus dados são diferentes dos dados coletados por Wallace⁹. Dessa forma, foi feita uma comparação entre os dados coletados por Wallace e os dados de outras línguas da família Tukano para averiguar essa divergência. A partir dessa comparação, pode-se perceber que a língua coletada por Wallace era, na verdade, Yupua. Abaixo está uma tabela com as palavras principais que determinaram qual foi a língua com as palavras coletadas por Wallace (1853) em sua notação original.

(3.1) Tabela 1: comparação entre os dados de Koretu

⁹ Martius (1867a) páginas 479-480.

Conceito	Língua de Wallace (W)	Yupua (KG)	Koretu (KG)	Koretu (M)
Sangue	Dií	yadí	líēri	liährĩ
Braço	Dicáh	di(x)ka	silikiápeç	rikiáepó
Pé	Giápa ^h	géapa	sikoxúla	coholó
Água	Deco	dé(x)ko	kótapu	cóotabu
Flecha	Garléh	gáļeç	kiánekiá	güá necké

W = Wallace (1853)

KG = Koch-Grünberg (1914)

M = Martius (1867b)

A partir das palavras acima podem-se observar correspondências entre elas. A primeira correspondência é entre <di> em ‘Dií’ e ‘yadí’, a qual também ocorre entre ‘Dicáh’ e ‘di(x)ka’. Em Koretu, ocorre no lugar de <di> nas palavras cognatas com as palavras de Yupua para sangue e braço respectivamente, ‘líēri’ e ‘silikiápeç’. Comparando só as raízes das palavras, a correspondência para ‘sangue’ é entre ‘Dií’, ‘dí’ e ‘líē’, e para ‘braço’ é entre ‘Dicáh’, ‘di(x)ka’ e ‘likía’. A comparação entre as palavras do conceito ‘braço’ também mostra a correspondência entre <c>, <k> e <ki> — <c> e <k> representam o mesmo som [k], mas <ki> representa o som [kʲ]. Em ‘flecha’, <g> corresponde a <g> e <ki> nas palavras ‘Garléh’, ‘gáļeç’ e ‘kiáne’. Nos outros conceitos, as palavras do duculeto de Wallace (W) e de Yupua (KG) não têm cognatos nas palavras de Koretu (KG), mas essas mesmas palavras na Língua de Wallace (W) e de Yupua (KG) são quase idênticas mesmo levando em conta as diferenças na notação.

Os dados de Koch-Grünberg (1914) e de Tastevin (1920) foram interpretados para poderem ser convertidos para IPA, visto que uma conversão de símbolo para símbolo não seria suficiente para compreender todos os fenômenos fonéticos que ocorrem. Um deles é a nasalidade, a qual não é representada consistentemente nem nos dados de Koch-Grünberg nem nos dados de Tastevin. Na seção 5.1 deste trabalho, o processo de reconstrução da harmonia nasal é demonstrado.

Outra interpretação que foi feita é a do segmento oclusivo velar surdo palatalizado. Tastevin consistentemente transcreve <kj> em palavras nas quais Koch-Grünberg transcreve <ki>. Essas palavras, quando comparadas com cognatos de outras línguas da família Tukano, formam um padrão, no qual <ki> e <kj> correspondem a [g] e [k] em outras línguas, indicando que os grafemas <ki> e <kj> representam um único som [kʲ]. Por exemplo, em Kubeo, a palavra

para o conceito ‘folha’ é articulada [dʒo'ka] (Chacon, 2012), e, em Koretu, a palavra é articulada ['jɔɔkiari]. Outro exemplo, o qual ocorre entre Yupua e Koretu, é o da palavra para o conceito ‘esquerda’, a qual, em Yupua (Koch-Grünberg, 1914), é articulada [gahkɔa'ni] e, em Koretu, [kia'kɔɔraari].

Os dados de Tastevin (1920) não representam a fricativa glotal surda em algumas palavras, nas quais seria esperado encontrá-la. Um exemplo, para ilustração, é a palavra para o conceito ‘açai’, na qual é transcrita, na notação original de Tastevin, ‘ihíri’ e, na notação original de Koch-Grünberg, ‘hihíre’. Robayo (1996) também percebe a ausência de [h] na lista de palavras de Karihona coletada por Tastevin, indicando que se trata de um erro de transcrição. Assim, neste trabalho, optou-se por manter as fricativas glotais surdas transcritas por Koch-Grünberg.

4 Fonologia segmental

Foram identificados 39 fones presentes na língua. Deles, 21 são segmentos consonantais e 18 são segmentos vocálicos. Os segmentos vocálicos nasalizados e consonantais nasais serão discutidos na seção 5.1. Todos os segmentos vocálicos e consonantais encontram-se respectivamente nas duas tabelas abaixo.

(4.1) Tabela 2: segmentos vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta fechada	i ĩ	i ĩ	u ũ
Alta aberta			ɯ
Média fechada	e ě		o õ
Média aberta	ɛ ẽ		ɔ ã
Baixa		a ã	ɑ

(4.3) Tabela 3: segmentos consonantais

	Bilabial	Alveolar	Ávelo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Nasal	m	n		ɲ		

Oclusiva	p b	t d t̃ d̃			k̃ k̃ g̃	ʔ
Africada		ts	dʒ			
Fricativa		s	ʒ			h
Aproximante	w			j		
Tepe		r				
Flepe lateral		l				

4.1 Vogais

Dos 18 segmentos vocálicos observados, no total, 6 vogais são contrastivas — /a/, /e/, /i/, /ĩ/, /o/ e /u/. Abaixo estão os contrastes em ambiente idêntico e ambiente análogo das vogais.

(4.4) /a/ e /o/

[ˈjaahɛ]		[ˈjɔɔhɛ]
bonito		pequeno

[ɲãˈnããri]		[mĩˈnõõri]
clitóris		[tabaco]

(4.5) /a/ e /ĩ/

[wata]		[ˈwita]
vir		faca

[ˈmããtari]		[ˈmĩta]
gente		seu (plural)

(4.6) /a/ e /e/

[ˈhaari]		[ˈjɛhɛɛri]
jabuti		clitóris

['simããkɔ]
minha filha

['mẽẽkɔ]
enguia elétrica

[ɲa'nããri]
clitóris

['nẽẽri]
buriti

(4.7) /i/ e

/u/

['haari]
jabuti

['haaru]
arara vermelha

['mĩʔnĩ]
com você

['mũũnĩ]
escorpião

[mĩtaru]
chicha

[mũh'taari]
urucum

(4.8) /i/ e

/i/

['tɔɔki]
árvore

['tɔɔki]
tucano

['mĩhĩ]
você

['mĩʔhĩ]
quati

['mããʔmĩri]
umari

['mũũmĩri]
abelha

(4.9) /e/ e

/i/

['nẽẽri]
buriti

['nĩri]
não

['jehẽri]
clitóris

[hi'hiiri]
açai

['hehe]
aranha

['hɔhihi]
rir

(4.10) /o/	e	/u/
[ho'wa] peidar		[hue'wa] remar
['haakɔ] mãe		[ha'uku] pão de mandioca
[kɔi'ni] chorar		['kuisi] mutum
['siikɔ] avó		['siihu] pedra

Observou-se que [e] e [ɛ] variam aleatoriamente, sem parecer haver um condicionamento. O classificador *-pu* — embora fosse transcrito na maioria das vezes como [pu] — às vezes era transcrito como [pɔ] e [po]. O /u/ ao final de umas poucas palavras era transcrito [ʊ]. A notação <o> ocorre nos dados de Tastevin (1920) sem distinguir se era aberto ou fechado. Pode-se inferir a existência de [o] por meio de sua variação com [u] e [ʊ]. Embora Koch-Grünberg (1914), use <o> em sua notação original, ele descreve o símbolo como representando um <o> aberto (Koch-Grünberg, 1912), assim, na conversão para IPA, [ɔ] foi usado. O segmento [ɑ] — alofone de /a/ — teve quatro ocorrências, as quais parecem ter sido condicionadas pela presença de [k] e [kʲ] antecedendo a vogal. Assim, os fonemas vocálicos podem ser representados na tabela abaixo.

(4.11) Tabela 4: vogais

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	i	u
Média	e		o
Baixa		a	

4.2 Consoantes

Em Koretu não ocorrem as consoantes contrastivas oclusivas sonoras /b/, /d/ e /g/. Assim, a consoante oclusiva nasal bilabial sonora — /m/ — não pode ser interpretada como um alofone resultante do processo de harmonia nasal, mas deve ser percebida como um fonema distinto por meio de uma análise segmental. Na seção 5.1 é descrito como este trabalho interpreta [n]. A evidência que se tem de que Koretu não apresenta as oclusivas sonoras como fonemas mesmo que esses sons estejam presentes nos dados é a de que eles ocorrem poucas vezes e de forma inconsistente. Em um total de 826 usadas na análise fonológica, noventa têm [p], nove têm [b], duzentas e quinze têm [t], duas têm [d], cento e dezoito têm [k] e seis têm [g]. Das nove com [b], três são empréstimos e três são transcritas com [p] por Tastevin (1920). Das duas com [d], uma é transcrita com [t] por Tastevin (1920). Das cinco com [g], todas só ocorrem com [g] nos dados de Koch-Grünberg, e Tastevin (1920) as transcreve com [k]. Abaixo estão exemplos dessas palavras, mantendo aspectos da transcrição original, mas com os símbolos padronizados para IPA.

(4.12) b

‘cutia’	[bɔtɔ]	Koch-Grünberg (1914)
‘cutia’	[poto]	Tastevin (1920)
‘velho’	[biiki]	Koch-Grünberg (1914)
‘velho’	[piiki]	Tastevin (1920)

(4.13) d

‘tucano’	[dɔɔki]	Koch-Grünberg (1914)
‘tucano’	[tookɪ]	Tastevin (s.d.)

(4.14) g¹⁰

‘meu ânus’	[sikitagɔɬɛ]	Koch-Grünberg (1914)
‘ouvido’	[kiaũkoe]	Tastevin (1920)
‘fezes’	[gitaari]	Koch-Grünberg (1914)
‘fezes’	[kitari]	Tastevin (1920)

¹⁰ O termo *kiã(h)ũkohe* (ouvido) é composto por *kiã(h)ũ* (orelha) e *kohe* (buraco). O termo *sikitakohe* (meu ânus) é composto por *si* (meu), *kita* (fezes) e *kohe* (buraco). Koch-Grünberg (1914) transcreve *kohe* como [gɔɬɛ] e Tastevin (1920) o transcreve como [koe].

Essa variação na transcrição pode indicar três possibilidades. A primeira delas é a possibilidade de erro na transcrição dos dados. A segunda delas é a possibilidade de o tipo de fonação parecer ser ambígua ao ouvido de quem transcreveu. Chacon (2014) nota a variação entre <p> e nas transcrições e propõe a hipótese descrita anteriormente. Essa hipótese é fortalecida pelos dados de Martius (1867b), os quais apresentam muita variação entre surdas e sonoras na transcrição de todas as oclusivas. A última possibilidade é que esses segmentos sonoros podem ser emitidos pelos falantes raramente no lugar dos surdos sons, visto que as oclusivas sonoras não são fonemas. A seguir estão os contrastes entre as consoantes.

(4.15) /p/	e	/m/
['paai]		['mããi]
rato		piranha
['paakɔ]		['simããkɔ]
tia		minha filha

(4.16) /t/	e	/t/
['wita]		['wiiri]
face		casa
[haata]		['haari]
tartaruga		tocandira
['pɔtɔ]		['pɔɔru]
cutia		cupim
[tɛ'taari]		[nã'nããri]
flor		clitóris
['kɔtare]		['kãããre]
chuva		abiu

(4.17) /s/	e	/h/
[si'hiiri]		[hi'hiiri]

meu corpo

açaí

[mĩhsiri]
cipó

[' mĩʔhi]
quati

(4.18) /k/

e

/ki/

[jatika]
arpão

[pipik'a]
cuia

[kausi]
borracha crua

[k'aauri]
tanga masculina

(4.19) /w/

e

/m/

[' wita]
faca

[' mĩta]
seu (plural)

[wata]
vir

[' mǎãtari]
gente

(4.20) j

e

/ki/

[' haaja]
lua

[' haak'a]
Inhambu

[' hǎãjã]
cobra

[' haak'a]
Inhambu

Koch-Grünberg consistentemente escreve <y> — [j] — em situações em que Tastevin escreve <dy> — dj — <dj> — [dʒ] —, indicando que eles podem ter coletado dados de diferentes variantes de Koretu. Como esses sons ocorrem em variação nas mesmas palavras, eles foram considerados alofones de /j/. O segmento [ts] ocorre em dois dados e não apresenta nenhuma oposição com outro segmento, sendo um alofone de /s/. O *status* de [ʔ] ainda não é claro, visto

que as palavras que têm [ʔ] em Koch-Grünberg (1914) variam com formas sem [ʔ]. A partir das oposições entre os segmentos consonantais, pode-se observar os fonemas na tabela abaixo.

(4.21) Tabela 4: consoantes

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Nasal	m				
Oclusiva	p	t		k ^j k	
Fricativa			s		h
Aproximante	w			j	
Tepe			r		

4.3 Sílaba

A estrutura da sílaba em Koretu é (C)V(V)(C). Predominantemente a sílaba ocorre no padrão CV. Apenas os segmentos consonantais /ʔ/ e /h/ podem ocorrer como coda consonantal. Abaixo seguem exemplos das sílabas possíveis.

(4.22)

[kũũʔ.mi] CVVC.CV	‘pajé’
[taa.hi.ri] CVV.CV.CV	‘coca’
[se.se.ri] CV.CV.CV	‘flauta de pã’
[ɔɔ.rɔ.pu] VV.CV.CV	‘urubu’
[ĩ.nĩ.mĩ] V.CV.CV	‘hoje’

4.4 Pressão estrutural

núcleo. Os morfemas que se ligam à raiz, porém, não passam por esse processo e ocorrem sem o prolongamento. Assim, quando uma raiz CV fosse ocorrer, ela é convertida em uma raiz CVV, por meio do prolongamento da vogal. Fenômenos de prolongamento similares também estão presentes em outras línguas da família Tukano, como em Desano (Silva, 2012) e em Tukano (Ramirez, 2019), por exemplo. Abaixo estão exemplos desse fenômeno em Koretu.

(5.1)

['siiki]
si-ki
avô-MSC

['neɛɛɪ]
ne-ri
buriti-CL.GNR

['haaki]
ha-ki
pai-MSC

['haako]
ha-ko
mãe-FEM

Há vogais que ocorrem com prolongamento mesmo em uma raiz que já teria dois moras mesmo sem esse prolongamento. Exemplos disso encontram-se nas palavras *hi'hii-ri* (açai) e *mũũmĩ-ri* (abelha). Há quatro explicações possíveis para essa ocorrência. A primeira delas é a de que existe a possibilidade de a língua ter prolongamento como um elemento contrastivo. Se essa for verdade, seria esperado encontrar pares mínimos ou pares análogos de palavras com e sem o prolongamento. Outra possibilidade seria a de o prolongamento ocorrer por conta de alguma outra regra, a qual não foi percebida ainda, ligada à prosódia da língua. Uma outra alternativa é a de prefixos e sufixos serem confundidos como parte da raiz, visto que a morfologia da língua ainda não foi completamente compreendida. Finalmente, é possível que esses prolongamentos tenham sido resultado de algum erro ou falha no processo de transcrição dos dados, já que essas palavras não são comuns. Dessarte, uma investigação mais minuciosa torna-se necessária para compreender o fenômeno de duração da vogal em Koretu futuramente.

5.1 Nasalidade

Nas línguas Tukano, em geral, espera-se que os segmentos consonantais nasais sejam alofones dos segmentos consonantais sonoros e os segmentos vocálicos nasais sejam alofones dos orais. Isso ocorre, visto que é comum que essas línguas tenham alguma forma de harmonia nasal vista como um fenômeno supra-segmental. Por exemplo, a língua Kubeo tem um sistema bem restrito quanto a passagem da nasalidade, no qual uma sílaba pode ser nasalizada, mas — dentro de uma mesma raiz — essa nasalidade não se propaga, podendo apenas se propagar para morfemas que são passíveis de serem nasalizados (Chacon, 2012). Quando uma raiz termina em uma sílaba nasal, essa nasalidade pode se propagar para sufixos nasalizáveis. Tanimuka tem um sistema menos restritivo quanto a propagação da nasalidade. A nasalidade pode se propagar pela raiz. Porém, dentro de uma mesma raiz — há fones que bloqueiam a nasalidade, impedindo que ela espalhe para o resto da raiz (Eraso, 2015). Desano, diferentemente das outras línguas descritas anteriormente, tem sistema sem nenhuma restrição de propagação da nasalidade dentro de uma mesma raiz. Uma mesma raiz pode ser ou totalmente nasalizada ou totalmente oral (Silva, 2012). Assim, nessas línguas, quando uma consoante oral sonora ocorre em ambiente nasal, ela é nasalizada.

Koch-Grünberg representou a nasalidade consistentemente nos segmentos consonantais oclusivos nasais, mas não nos segmentos vocálicos, já que, de acordo com o autor, quase todas as palavras são inteiramente nasalizadas, assim a nasalidade delas foi omitida. Tastevin também não representa consistentemente a nasalidade das vogais. Porém, ele representa o segmento [ɲ] em palavras que Koch-Grünberg representa o segmento [j], indicando que, nessas palavras, ocorre harmonia nasal e que essa harmonia afeta também a aproximante palatal. Além disso, mesmo que as fontes sejam inconsistentes, há palavras que ocorrem nas duas fontes que contêm marcas de nasalidade em segmentos diferentes, assim as fontes se complementam. Dessa forma, é possível enquadrar o Koretu em um sistema de harmonia nasal menos restritivo que o do Kubeo, visto que os dados indicam que a nasalidade se propaga pela raiz com menos restrições. O segmento [h] foi identificado como transparente, isto é, como um segmento que permite que a nasalidade se propague para além dele. Porém, não foram encontradas evidências suficientes para saber se há segmentos opacos (que impedem a passagem da nasalidade para os segmentos seguintes) ou não.

Na falta de evidências, não se pode saber se o Koretu se enquadra em um sistema similar ao Tanimuka ou do Desano. A seguir estão as palavras que ilustram esse processo de reconstrução da nasalidade.

(5.2)

‘batata’	[jahĩri]	Koch-Grünberg (1914)
‘batata’	[nahiri]	Tastevin (1920)
‘veado’	[jaʔma]	Koch-Grünberg (1914)
‘veado’	[namaa]	Tastevin (1920)

As palavras para ‘batata’ juntas mostram que, quando um segmento vocálico está nasalizado em uma parte da raiz, o segmento consonantal também se nasaliza mesmo estando em outra sílaba, indicando que [h] permite essa passagem. As palavras para ‘veado’ mostram juntas que /j/ tem um alofone nasalizado quando está em uma raiz junto de /m/. É possível dizer também que todas as vogais dentro da raiz estariam nasalizadas nesses casos. O morfema *-ri* não faz parte da raiz e não seria nasalizado. Nenhum dado mostra um alomorfe nasal de *-ri*. Isso sugere que ao menos nesse ambiente não haveria propagação da nasalidade para *-ri*.

O segmento consonantal oclusivo nasal alveolar sonoro – [n] — possivelmente pode ser interpretado ou como um alofone de /r/ ou como um fonema próprio. Os argumentos para que os dois sons sejam um único fonema são 1) eles são foneticamente muito próximos e há poucas oposições entre eles; 2) dependendo de como os dados forem interpretados, [n] só ocorre em raízes com ambiente nasal, e [r] só em raízes com ambiente oral. Os dois sons não ocorrem juntos em uma mesma raiz, indicando que [n] surge no processo de harmonia nasal.

O argumento para que os dois sons sejam fonemas distintos depende do argumento 2 dado anteriormente estar errado. Como a nasalidade é representada de forma inconsistente nas duas fontes, pode ser que [r̃] e [ṽ] ocorram como os possíveis alofones nasais de /r/. Uma evidência para isso está na palavra para ‘homem’, a qual é transcrita por Koch-Grünberg (1914) como [laĩ] e, por Tastevin (1920), como [nahi] indicando que [ṽ] era emitido pelos falantes, já que, Koch-Grünberg consistentemente transcreve [n] em palavras em que [n] fosse esperado ocorrer.

Assim, haveria uma oposição entre tepe ou flepe nasal e oclusiva nasal. Neste trabalho, foi interpretado que [n] é um alofone de /r/ por conta da ausência de oposições.

Como as obstruintes sonoras não estão presentes na língua, a harmonia nasal — em Koretu — só nasaliza as consoantes não obstruintes. Essas são interpretadas como alofones de suas versões não nasalizadas. Assim, [ɲ] é o alofone nasal de /j/ e [w̃], o alofone nasal de /w/. Nesse sentido, o seu sistema de harmonia nasal se assemelha ao das línguas Tukano Ocidental.

6 Morfologia

Como os únicos dados de Koretu são listas de palavras isoladas sem estarem dentro de um contexto, a forma usada para analisar a morfologia é por meio da comparação entre as palavras em Koretu e as palavras em outras línguas da família Tukano¹² para identificar qual é a raiz. Os morfemas após a raiz, em substantivos, são possivelmente classificadores ou a marca de gênero. Para identificá-los, as palavras com sílabas iguais após a raiz foram organizadas para observar as relações semânticas entre elas. Assim, foi observado se elas se referem a animais, plantas, animadas, inanimadas, feitas de um mesmo material e se tinham algum formato similar. Também, os morfemas foram comparados com morfemas similares em outras línguas da família Tukano. Abaixo estão os classificadores identificados e as marcas de gênero.

6.1 Classificadores

(6.1) -ki (masculino)¹³

haa-ki	‘pai’
pai-MS	

si-mãã-ki	‘meu filho’
1.PSS-filho-MS	

(6.2) -ko (feminino)¹⁴

¹² Foram usadas as línguas Desano, Siriano e Tanimuka de Huber e Reed (1992) e as línguas Desano, Yupua e Yahuna de Koch-Grünberg (1914) para serem comparadas com Koretu.

¹³ Igual ao -ki ou -gi presente em outras línguas da família Tukano.

¹⁴ Igual ao -ko ou -go presente em outras línguas da família Tukano.

	<i>haa-ko</i> mãe-FEM	‘mãe’
	<i>si-mãã-ko</i> 1.PSS-filha-FEM	‘minha filha’
(6.3)	-kia (cilíndrico ou redondo) ¹⁵	
	<i>kĩãnẽ-kia</i> flecha-CL.CLD	‘flecha’
	<i>kɔɔɔ-kia</i> cuia.grande-CL.CLD	‘cuia grande’
	<i>mĩnõõ-kia</i> tabaco-CL.CLD	‘cigarro’
(6.4)	-ri (genérico)	
	<i>puii-ri</i> montanha-CL.GNR	‘montanha’
	<i>ĩãhĩ-ri</i> batata-genérico	‘batata’
	<i>kĩta-ri</i> fezes-Cl.GNR	‘fezes’
	<i>mããta-ri</i> gente-CL.GNR	‘gente’
(6.5)	-pu (partes do corpo)	
	<i>rãse-pu</i> pele-CL.CRP	‘pele’
	<i>si-mãhũ-pu</i>	‘minha mão’

¹⁵ Parecido com o *-ka* do Kubeo para objetos tridimensionais (Chacon, 2012) e com *-ga* de Tukano para formas roliças (Ramirez, 2019).

1.PSS-mão-CL.CRP

rise-pu ‘boca’

1.PSS-boca-CL.CRP

Embora ocorra mais frequentemente em partes do corpo, *-pu* também aparece junto a outras raízes sem uma lógica aparente.

(6.6)

kota-pu ‘água’
água-CL.CRP

hũũñũ-pu ‘tamanduá bandeira’
tamanduá-CL.CRP

(6.7) -to (lugar)

hõõ-to ‘praia’
praia-CL.LGR

kiai-to ‘ilha’
ilha-CL.LGR

(6.8) -ro (coisas curvas)¹⁶

si-pato-ro ‘meu arco’
1.PSS-arco-CL.CRV

hẽẽnẽkea-ro ‘panela de cerâmica’
panela.de.cerâmica-CL.CRV

6.2 Posse

A posse é indicada por um morfema que ocorre antes da raiz. Foram identificados os possessivos de primeira, segunda e terceira pessoa no singular. O marcador de posse de terceira pessoa *ahaki-* vem do pronome de terceira pessoa masculino *ahaki*, o qual também é a palavra usada para se referir a ‘outro’ de maneira geral. O termo ‘ahakipato.ɔ’ (arco dele) é o único com

¹⁶ Semelhante ao classificador *-do* de formas convexas no Kubeo (Chacon, 2012).

posse em terceira pessoa nos dados. Assim, não foi possível verificar se *ahaki-* é composto por mais de um morfema. O possessivo *ahaki-* parece conter o morfema de gênero masculino *-ki*. Se isso for verdade, seria esperado encontrar *ahako-*, com o morfema de gênero feminino *-ko*. A seguir estão os possessivos identificados seguidos de alguns exemplos.

(6.9) *si-* (primeira pessoa singular)

si-pato-ro ‘meu arco’
1.PSS-arco-CL.CRV

si-mãã-ki ‘meu filho’
1.PSS.filho-MS

(6.10) *mẽ-* (segunda pessoa singular)

mẽ-pato-ro ‘seu arco’
2.PSS-arco-CL.CRV

mẽ-sa-wii-ri ‘sua casa’
2.PSS-?-casa-CL.GNR

(6.11) *ahaki-* (terceira pessoa singular)

ahaki-pato-lo ‘arco dele’
3.PSS-arco-CL.CRV

A partir dos dados de Koch-Grünberg (1914), parece ser possível fazer a análise de que a língua distingue entre posse alienável e posse inalienável por meio da obrigatoriedade de um possessivo em palavras de posse inalienável, visto que nomes para partes do corpo sempre aparecem com o possessivo de primeira pessoa *si-*. A maioria dos nomes para relações familiares também ocorrem com o mesmo possessivo. Contudo, algumas dessas palavras para partes do corpo ocorrem sem o possessivo em Tastevin (1920). Assim, aparentemente não é obrigatório de fato o uso de um possessivo em palavras com posse inalienável. A presença do possessivo *si-* pode ter se dado pelo método de coleta dos dados.

6.3 Palavras compostas

Em Koretu, há palavras que são formadas pela sequência de duas raízes. As raízes que são consistentemente usadas para formar palavras compostas são *kohe* (buraco)¹⁷, *haaki* (pai)¹⁸ e *rase* (pele)¹⁹. Abaixo estão exemplos para ilustrar esse fenômeno.

(6.12) +*haaki* (pai)

(*h*)*ãjẽ*+*haa-ki* ‘cobra grande da água’
 cobra+pai-MS

wai+*haa-ki* ‘piraíba’
 peixe+pai-MS

(6.13) +*kohe* (buraco)

kĩã(*h*)*ũ*+*kohe* ‘ouvido’
 orelha+buraco

*nã**nã*+*kohe* ‘vagina’
 clitóris+buraco

(6.14) +*rase* (pele)

tɔki+*rasede-ri* ‘casca de árvore’
 árvore+pele-CL.GNR

wai+*rasede-ri* ‘escama’
 peixe+pele-CL.GNR

Quando uma palavra composta é formada, o classificador usado se apresenta de acordo com seu sentido. Por exemplo, ‘pele humana’ em Koretu é *rasede-pu*, com o classificador de partes do corpo *-pu*, mas — quando *tɔki+rasede-ri* ‘(casca de árvore) é formada a partir de ‘árvore’ e ‘pele’ — o classificador genérico *-ri* é usado. No caso de algumas raízes, combiná-la com um

¹⁷ Kubeo (Chacon, 2012) e Desano (Silva, 2012) também usam respectivamente *kobe* (buraco) e *gobe* (buraco) para formar palavras compostas.

¹⁸ Chacon (2013) também percebeu que a palavra (*h*)*ãjẽhaaki* (cobra grande da água) era composta pelas raízes (*h*)*ãjẽ* (cobra) e *haaki* (pai).

¹⁹ Kubeo (Chacon, 2012) também usa *kahe* (pele) para formar palavras compostas.

classificador diferente forma palavras com novos sentidos. Por exemplo, *mĩnõõ-ri* significa ‘tabaco’ quando o radical *mĩnõõ* está ligado ao classificador genérico *-ri*. Porém, quando o mesmo radical se liga ao classificador de formas cilíndricas ou redondas *-kia*, forma-se a palavra *mĩnõõ-kia*, que significa cigarro.

7 Conclusão

Este trabalho teve como finalidade juntar as fontes que se tem conhecimento sobre os Koretu em um único artigo e promover um diálogo entre elas, visto que as informações sobre esse povo são escassas e estão dispersas. A partir do que foi discutido neste trabalho, pode-se pensar que os Koretu eram um povo que falava uma língua da família Tukano, a qual ainda não se sabe a qual ramo pertence, Tukano Oriental ou Tukano Ocidental. Eles se relacionaram com diversos povos na região do rio Japurá. Por conta do colonialismo, aos poucos, foram se diluindo, se juntando a outros grupos até desaparecerem.

Há aspectos da língua que ainda precisam ser investigados mais a fundo. Este trabalho foi apenas uma análise inicial, e, assim, vários aspectos da língua ainda são desconhecidos, como a tonicidade, os tons e qual papel desempenha a oclusiva glotal. Mesmo após a análise de certos fenômenos, eles ainda apresentam lacunas. Esse é o caso dos classificadores e da harmonia nasal. Espera-se que seja possível compreender mais sobre a língua no futuro.

Bibliografia

CHACON, Thiago. **A Revised Proposal of Proto-Tukanoan Consonants and Tukanoan Family Classification**. *International Journal of American Linguistics*, v. 80, n. 3, p. 275–322, 2014.

CHACON, Thiago. **On Proto-Languages and Archaeological Cultures: pre-history and material culture in the Tukanoan Family**. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 5, n. 1, p. 217–245, 2013. Disponível em:

<<http://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16548>>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CHACON, Thiago, **The Reconstruction of Laryngealization in Proto-Tukanoan**, in: AVELINO BECERRA, Heriberto; COLER, Matt; WETZELS, Leo (Orgs.), *The phonetics and phonology of laryngeal features in Native American languages*, Leiden ; Boston: Brill, 2016.

DIXON, Robert M. W. **Basic linguistic theory**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2010.

ERASO, Natália, **Gramática tanimuka, lengua de la Amazonía colombiana**, Dissertação de Doutorado, Université Lumière Lyon 2, 2015.

GUSSENHOVEN, Carlos; JACOBS, Haike. **Understanding phonology**. 3rd ed. London: Hodder Education, 2011. (Understanding language series).

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. **Understanding morphology**. 2nd ed. London: Hodder Education, 2010. (Understanding language series).

HUBER, Randall Q.; REED, Robert B., **Vocabulario comparativo: palabras selectas de lenguas indígenas de Colombia = Comparative vocabulary: selected words in indigenous languages of Colombia**, 1a ed. Santafé de Bogotá, Colombia: Asociación Instituto Lingüístico de Verano, 1992.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Betóya-Sprachen Nordwestbrasiens und der angrenzenden Gebiete**. *Anthropos*, v. 7, n. 2, p. 429–462, 1912.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Betóya-Sprachen Nordwestbrasiens und der angrenzenden Gebiete (fortsetzung)**. *Anthropos*, v. 9, n. 5/6, p. 812–832, 1914.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Zwei Jahre bei den Indianern Nordwest-Brasiens**. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 1921. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/biblio:koch-grunberg-1921-zwei-jahre>>. Acesso em: 1 fev. 2023.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Oxford, OX, UK ; Cambridge, Mass., USA: Blackwell Publishers, 1996. (Phonological theory).

LANDABURU, J.; ANA MARÍA OSPINA; RIVET, P. **Documentos sobre lenguas aborígenes de Colombia del archivo de Paul Rivet: Lenguas de la Amazonía colombiana**. [s.l: s.n.].

MARTIUS, K. F. P. VON. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**. 1867a. Estados Unidos, Nova Iorque, Cambridge University Press, 2009, v. I.

MARTIUS, K. F. P. VON. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**. 1867b. Estados Unidos, Nova Iorque, Cambridge University Press, 2009, v. II.

RAMIREZ, Henri. **A Fala Tukano dos Ye'pâ-Masa**. 2. ed. Manaus: Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia, CEDEM, 2019.

ROBAYO, Camilo. Comentarios sobre los documentos de Uribe, de De Wavrin y Tastevin sobre la lengua Carijona y datos actuales. *In*: LANDABURU, Jon (Org.). **Documentos sobre lenguas aborígenes de Colombia del archivo de Paul Rivet**. Edição 1. Bogotá, Comlômbia: Panamaricana Formas e Impressos S.A., 1996, v. I-Lenguas de la Amazonía colombiana, p. 511–516.

SILVA, Wilson de Lima. A descriptive grammar of desano. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of Linguistics, University of Utah, 2012.

TASTEVIN, Constant. Documentos sobre lenguas aborígenes de Colombia del archivo de Paul Rivet: Lenguas de la Amazonía colombiana. **Curetú**, s.d.

TASTEVIN, Constant. Documentos sobre lenguas aborígenes de Colombia del archivo de Paul Rivet: Lenguas de la Amazonía colombiana. **Witót, Karihona, Tanimbuka, Kueretú, Kokámu**, 1920

WALLACE, A. R.. **Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the**

Amazon valley. London: Reeve & CO, 1853. Disponível em:

<<http://wallace-online.org/content/frameset?pageseq=1&itemID=S714&viewtype=side>>. Acesso em: 21 jan. 2023.